

Deus e diabo no escurinho dos trópicos

Mal, virtualidade e heroísmo em Mateus Meira

"A sociedade se compõe para distribuir eqüitativamente fatores e critérios, corrigindo distorções que possam causar depreciativos ou catástrofes no conjuntural, de forma a permitir evoluções equiparadas, não o seu involucional, deixando permitir possibilidades remotas de soluções ou infalivelmente nunca além dum subdesenvolvimento..."

Há em todos os racionais a existência de um determinado fluido psíquico cognominado "potencial", criado por antecipação da vontade consciente para desfrutar socialmente, afissurando as pressões por um alcance transcendental lógico. Até quando já não exista mais essa necessidade a compor, ela se faz prevalecer como se a vida não tivesse uma última razão. São os estímulos sociais da ambição, cuja divisa explícita *quo non ascendet* que configura essa disposição e vem estabelecer o seu parâmetro correspondente."
(Clive Maia Barbosa, A moral da história, p.218.)

"Qual é o herói do relato? Podemos falar do herói mesmo no caso de um enunciado não literário? Quais são os critérios que diferenciam o herói do "traidor", do "falso herói" (Propp) ou dos personagens secundários?"

(Philippe Hamon)

Eduardo Guerreiro Brito Losso (diretor do texto)

Precipito-me, com todo fôlego verbal latino, na chama inspiradora da eureka tropical, para formular, no anti-espaço da Internet por excelência, a CONTRACAMPO, a seguinte questão: Mateus Meira é um herói?

Como dizia a autoridade de V. Propp, o Freud da teoria da narrativa, todo herói está submetido a três provas essenciais: a prova qualificante, a principal e a glorificante.

Ponho à prova a qualidade de minha questão? Será Mateus um vilão? Que tipo glorioso de herói-vilão ele é? E eu, modesto criminalista do pensamento literário tropical, como eu, enquanto sujeito destrinçador do enigma de Mateus-esfinge, posso me fazer de objeto-vítima para sentir a morte qualificante que me doará a chave do herói-Mateus, e, assim, passar pela primeira prova proppiana (OBS: aliteração enigmática que a língua, enquanto sujeito, subjulga-me como vítima da palavra MATEUS, a heroína do sentido, que me torna vilão de mim mesmo)?

Não sei. Não saber, todavia, não é ignorar, é uma estratégia do sucesso, é se fazer de vítima diante da questão para que esta, com pena de nossa dúvida mortal perante Mateus, possa responder enquanto heroína deste texto, que é, em si, e principalmente, através de si (adiante este atravessamento será glorificado em nosso entendimento) um cinema do conceito.

Digo através de si para chegar ao outro, ao herói-outro, Mateus Meira, que me atravessa com suas balas esfingéticas, elas que questionam minha vida na sua falta de prova de sentido, e me respondem com a morte na posse do sentido da prova.

Justamente por isso que caio no precipício da verdadeira questão, essa agora, em sua penetração presentânea, que atravessa a questão anterior e a ultrapassa por sua anterioridade em relação ao heroísmo falso da anterior enquanto anterior, pois essa questão, no agora de mim mesmo e de você-outro, leitor-vítima (ou mim-outro e você mesmo), é a vanguarda da questão anterior propriamente dita e encenada, sua vilã vencedora: Mateus é o herói do mal?

Talvez. Ele é o saco de pancadas da moral da mídia tropical. Os meios de comunicação, papagaios do bem, mico-leões da moral (moral essa que está em extinção), escolheram Mateus como o vilão em si, oponente da fé e dos bons costumes, mas o glorificam como crente do cinema. Ele crê na violência virtual tornando-se vítima dos heróis-objetos americanos,

sujeita-se a eles como objeto sem valor de uso, apenas como valor de troca assassinado. Sim, assassinado através de si mesmo pelo americanismo, ele ressuscita no tropicalismo, qual Fênix que devora o fogo da dominação global para expeli-lo não mais com misturas de guitarras elétricas com atabaques, como fizeram Mutantes, mas com balas elétricas pipocando no escurinho, tiros que interpenetram nos poros sensíveis do noticiário da tela televisiva. A matança feita pelo herói real, vingança cênica do real sobre o fílmico, desbundou o estado de maldade enquanto Ser.

Mas Mateus, agora herói, superando os avatares do tropicalismo, todos hoje tão insossos, é vítima da inveja de quem queria esse espaço na telinha, mas é dominador de quem impôs sua colocação como espetáculo para ser saco de pancadas da moral tropical (repito e atiro essa afirmação quantas vezes for necessário). Se a pancada da moral é o mal, logo, Mateus, o saco de balas da imoralidade, é a pancada do mal, e, por conseguinte, não é mais, evidentemente, do que a moral atravessada por si mesma, a moral da história.

Cinema e jornalismo são cúmplices do crime que deu a maior pancada do mal na moral virtual. A dimensão virtual da moral produz o herói do mal como seu vírus próprio, ao passo que eu, - a maior vítima de sua bondade, contaminado pela sua linguagem atiradeira, modesto escritor morto e vivo no ato mesmo da escritura tropical, neste texto quente, vívido, solar, no raiar de si mesmo - eu torno-me mal ao dar pancadas na moral da leitura, que é o cinema da escritura. Assim, meu ato de escrever, no seu processar-se atual e virtual, é o cinema da leitura: a imagem do mal cometendo seu crime em tempo real.

O crime é o vírus da narrativa, que precisa ser expurgado com o bem do herói, um antibiótico textual glorificado na sua eficácia de manutenção da saúde moral. Mas minha hipótese extrema, já contaminada pelo mal assassino, já atravessado pela sua irradiação midiática fatal, é a de que ele é um herói da TV no real, e também um herói do real na TV, é o crime do real se proliferando na indignação-vítima dos telespectadores e o vírus da TV assassinando a diversão real dos espectadores de cinema. Por isso, o Mateus-herói globaliza mídia, cinema e realidade entre si, seu potencial virótico serve à globalização com uma tática bem atual: Mateus se auto-globaliza no espaço virtual para se desregionalizar-se em tempo viral. Essa é a globalização do mal em si e para si mesma.

O mal em si, na sua virtualidade de vítima da moral, é o herói da escritura, pois ela não cessa de amoralizar o cinema em si e para si, atravessado pela sua própria imagem no espaço de sua luz. O mal do cinema invadiu o bem da realidade e o subjulgou agora, no sucesso solar de Mateus. Todos nós, massa amorfa e passiva, atravessada pelo mal e enfeitada pelo bem, somos seus cúmplices reais sob o carnaval da moral.

Mateus, mais do que Pedro Álvares Cabral, Getúlio, Collor, Caetano, Xuxa ou Ratinho, ele é o bem do crime, o mal do heroísmo e a moral da história do Brasil (tão bem analisada pelo mestre dos crimes tropicais, o excelentíssimo Clive Maia Barbosa), ele é o herói tropical do mal, não um clone, um alienado ou replicante, mais tudo e todos simultaneamente, uno e harmônico, um Todo com ele mesmo - ele é um TROPICANTE, o significante soberano do Brasil, o nome-do-pai (que assassina o imaginário dos filhos e ressuscita no simbólico), a encarnação do medo real da moral: ele é o herói da própria vitória do sucesso.

Assassinou o mal virtual e tropicalizou o real do cinema. Não sei se sou o diabo da escritura, diabo atravessado pelo bem do leitor, sei que ele é o deus (Mat-EUS) do mal midiático, MATEUS, o sol virtual do crime enaltecido a bem de massa.

Eis a chave do enigma: Deus e diabo na terra do sol.

Mateus Meira real é o médium atual de Glauber Rocha virtual.

Eis a resolução morta de um enigma vivo, que será requalificado com a real questão final:

será MATEus não o assassino, mas o próprio Deus Matador?